

## 4

### Identidade Romana / Identidade Brigante: “nós” e os “outros”

Se algum lugar existe para os *manes*<sup>1</sup> dos piedosos, se, como é opinião dos sábios, não se extinguem com o corpo as grandes almas, repousa em paz, e chama-nos, a nós e a tua casa, de uma impotente saudade e de lamentação de mulher, à contemplação das tuas virtudes, que não é lícito chorar nem carpir. Temos de venerar, de preferência, pela admiração, por louvores imortais, e, se a natureza nos ajudar, por te imitarmos: este é o verdadeiro respeito, esta a piedade dos que te são mais próximos. Aconselharia igualmente à filha e à esposa que venerassem a memória do pai e do marido considerando consigo todos os seus feitos e palavras e que mais abraçassem a figura e a beleza de sua alma do que as do corpo, não por ser de opinião que se devem abater as estátuas que se modelam de mármore ou de bronze, mas porque as imagens, exatamente como a face humana, são fracas e mortais, eterna, porém, a beleza do espírito, que se pode exprimir, não por alheia matéria ou arte, mas pela própria maneira de proceder. Tudo aquilo que amamos em Agrícola, tudo aquilo que nele admiramos, permanece e permanecerá no espírito dos homens; na eternidade dos homens, na eternidade dos tempos e na fama do mundo; a muitos dos antigos os sepultou o olvido, como a gente sem glória e sem nome; Agrícola **sobreviverá porque à posteridade foi contado e entregue.**<sup>2</sup> (Tradução)<sup>3</sup>

A memória (como bem sabia David Hume) sem dúvida tem algo a ver não só com o passado, mas também com a identidade e, assim (indiretamente), com a própria persistência no futuro.<sup>4</sup>

Nos dois capítulos anteriores nos debruçamos sobre duas análises centrais. A primeira dizia respeito ao contexto de onde falava o escritor dos Brigantes e a segunda lidava com a relação entre memória e história dentro da construção narrativa de Tácito sobre os Brigantes. Neste capítulo abordaremos questões referentes a construção de representações identitárias. Como Tácito trabalha com este jogo entre o “nós” e os “outros”? Como os Brigantes são apresentados dentro

---

<sup>1</sup> Para os romanos: as almas dos mortos.

<sup>2</sup> Vida de Agrícola 46.

<sup>3</sup> Citação original: Si quis piorum manibus locus, si, ut sapientibus placet, non cum corpore extinguntur magnae animae, placide quiescas, nosque domum tuam ab infirmo desiderio et muliebribus lamentis ad contemplationem virtutum tuarum voces, quas neque lugeri neque plangi fas est. Admiratione te potius et immortalibus laudibus et, si natura suppeditet, similitudine colamus: is verus honos, ea coniunctissimi cuiusque pietas. Id filiae quoque uxorigue praeceperim, sic patris, sic mariti memoriam venerari, ut omnia facta dictaque eius secum revolvant, formamque ac figuram animi magis quam corporis complectantur, non quia intercedendum putem imaginibus quae marmore aut aere finguntur, sed ut vultus hominum, ita simulacra vultus imbecilla ac mortalia sunt, forma mentis aeterna, quam tenere et exprimere non per alienam materiam et artem, sed tuis ipse moribus possis. Quidquid ex Agricola amavimus, quidquid mirati sumus, manet mansurumque est in animis hominum in aeternitae temporum, fama rerum; nam multos veterum velut inglorios et ignobilis oblivio obruit: Agricola posteritati narratus et traditus superstes erit.

<sup>4</sup> ROSSI, 2010, p. 24.

desta construção narrativa? Quais os usos que o escritor faz dos personagens e dos episódios apresentados? São algumas das perguntas essenciais que se colocam.

#### 4.1

### **Construção de memória e construção de identidade: contribuições da *Historia Magistra Vitae***

Muitos são os estudos que tem se debruçado sobre o processo de construção de identidade romana. O termo que tem sido utilizado pela historiografia para este processo de “tornar romano” chama-se “romanização”. Porém, este conceito, cunhado no século XIX pelo inglês Theodor Mommsen, ao longo dos anos tem adquirido diferentes significados. Segundo Woolf:

Contrastes entre capital e províncias, Leste e Oeste, pobre e rico, cidade e interior são por si próprias características da cultura imperial romana. Romanização deve ter sido o processo através do qual, os habitantes se tornavam e se identificavam como romanos, mas havia mais de um tipo de romano e os estudos da cultura provincial devem considerar a diversidade cultural, assim como, a unidade do Império.<sup>5</sup> (Tradução livre)<sup>6</sup>

Como podemos observar, o termo “romano” não deve ser entendido aqui como aquele que nasceu ou que vive em Roma. Visto que a cidadania romana poderia ser dada para pessoas advindas de diferentes regiões do Império. Isso não é defendido apenas por Greg Woolf, mas também por outros historiadores contemporâneos como Richard Hingley<sup>7</sup>. Ambos entendem que esse processo de “tornar romano” é um processo complexo que envolveria uma série de variáveis de acordo com a região do Império, do período histórico e de outras condições como classe, gênero, etc. Da mesma forma, partindo destes pressupostos, sabemos que os historiadores romanos nem sempre eram romanos de nascença. Contudo, estes se identificavam como romanos baseados não apenas no fato de terem obtido a

<sup>5</sup> WOOLF, 1998, p. 7.

<sup>6</sup> Citação original: Contrasts between capital and provinces, East and West, rich and poor, city and countryside are themselves a major feature of Roman imperial culture. Romanization may have been 'the process by which the inhabitants come to be, and to think of themselves as, Romans', but there was more than one kind of Roman, and studies of provincial culture need to account for the cultural diversity, as well as the unity, of the empire.

<sup>7</sup> Richard Hingley é professor em Durham University, tem desenvolvido importantes pesquisas e publicado importantes obras neste sentido. Dentre as quais eu gostaria de destacar “Globalizing Roman Culture: Unity, Diversity and Empire” (2005) e “O Imperialismo romano: novas perspectivas a partir da Bretanha” (2010).

cidadania romana, mas também pelo fato de terem adotado valores construídos pela tradição. É isso que nos diz Marques:

Quanto a Tito Lívio e Tácito, nenhum dos dois historiadores nasceu em Roma, como tantos outros habitantes do Império. Mas, mesmo assim, eles se identificam como romanos, baseados em boa parte numa identificação com os valores da “*concordia*”, da “*fides*”, da “*pietas*” e do conjunto mais geral do “*mos maiorum*” construídos pela tradição e que vão necessitar constantemente de sucessivas reafirmações com o passar do tempo.

Existem várias formas de construção e transformação de identidades, que são sempre negociadas, mas a memória ocupa um lugar especial nesse processo, sobretudo entre os romanos. A produção historiográfica antiga teve um papel altamente relevante em tal desenvolvimento, cujas consequências afetam nossa visão de Roma e do Império Romano até hoje.<sup>8</sup>

Devemos lembrar que a memória está diretamente relacionada com o esquecimento. Definir aquilo que devemos lembrar, ou o que queremos que uma sociedade lembre implica em que façamos escolhas. Portanto, é evidente que a memória é um processo de construção seletiva do passado.<sup>9</sup> Da mesma forma, podemos deduzir que quando os historiadores romanos se utilizavam de um exemplo, acabavam optando por este em detrimento de outros tantos. A escrita da história, de forma voluntária ou não, acaba se edificando sobre silêncios e recalcamientos.<sup>10</sup> É importante dizer que a memória e a história são áreas diferentes, mas não necessariamente elas estão distantes uma da outra. Ambas estão relacionadas desde seus primórdios com a ideia de combate ao esquecimento. De acordo com Catroga:

O reconhecimento da existência de características comuns à memória e à historiografia não pretende negar, porém, a especificidade de ambas as narrações sobre o passado. No entanto, importa sublinhar que a historiografia também nasceu como um meio de combate contra o esquecimento, ou melhor, como uma nova “*ars memoriae*” exigida pela decadência da transmissão oral e imposta pela crescente afirmação da racionalidade e da escrita.<sup>11</sup>

Assim como a memória pode ser objeto de pesquisa da história, de igual forma a escrita da história pode ser um agente legitimador e perpetuador de uma determinada memória dominante, um agente desestruturador que desconstrói uma

<sup>8</sup> MARQUES, 2013, p. 244.

<sup>9</sup> CATROGA, 2001, p. 20.

<sup>10</sup> CATROGA, 2001, p. 45.

<sup>11</sup> CATROGA, 2001, p. 40.

memória pré-estabelecida, ou ainda um instrumento para a construção de uma nova memória. Segundo Catroga:

Em suma: a historiografia também funciona como fonte produtora (e legitimadora) de memórias e tradições, chegando mesmo a fornecer credibilidade cientificista a novos mitos de (re)fundação de grupos e da própria nação (reinvenção e sacralização das origens e de momentos de grandeza simbolizados em “heróis” individuais e coletivos).<sup>12</sup>

Em se tratando de Antiguidade, é evidente que os historiadores romanos buscavam construir a escrita da história, assim como a memória, de acordo com as respectivas perspectivas e realidades históricas em que estavam inseridos e também de acordo com políticas que acreditavam serem as melhores. Da mesma forma havia o temor do esquecimento. Quando Tácito escreveu sua obra sobre Agrícola, o autor contribuiu em parte para que os feitos deste circulassem entre os letrados que eram seus contemporâneos, legitimando-o enquanto cidadão político, mas sua contribuição se deu também para que estas memórias alcançassem os romanos de gerações posteriores e pessoas de diferentes períodos históricos e diversas regiões do globo terrestre. Com certeza seus lances executados através de seus atos de fala alcançaram mais leitores do que o mesmo imaginou um dia ter. Tendo ecoado fortemente também na modernidade e na atualidade.

Na Idade Moderna diferentes textos de Tácito foram utilizados durante os processos de construção de identidades nacionais. Ainda hoje a “Germânia” de Tácito é o texto base para o ensino de latim nas escolas alemãs. Porém, este não é nosso foco aqui. Voltando novamente ao mundo romano e a sua historiografia, percebemos que esta última teve o papel de construtora de identidade dentro do mundo em que estava inserida. Sobre isso nos fala Marques:

Existe uma identidade em particular do que se entende por ser eminentemente romano, nas atitudes, na autorrepresentação e na relação dos indivíduos com a comunidade e fora dela. Essa tal identidade é caracterizada por ser construída pela tradição historiográfica latina, entre tantas outras leituras de identidades que podem ser feitas para o mundo romano. Ela também é ao mesmo tempo constante, pois remete a um passado ideal consolidado no discurso dos historiadores latinos, e mutável, pelas circunstâncias da produção do pensamento de cada um deles.<sup>13</sup>

Quando falamos de memória coletiva ou social, é importante lembrarmos que esta é estabelecida através de um processo de negociação. Em diferentes sociedades

---

<sup>12</sup> CATROGA, 2001, p. 50.

<sup>13</sup> MARQUES, 2013, p. 242.

percebemos que a memória é constantemente objeto de disputa, o que não era diferente no mundo romano. A memória é constituída por acontecimentos vividos pessoalmente, mas também por acontecimentos vividos por tabela.<sup>14</sup> Por exemplo: É provável que muitos que leram “Vida de Agrícola” tenham se sentido contemporâneos do mesmo, mesmo sem nunca o terem visto, ou até mesmo tendo vivido em um período muito posterior a morte deste general e político romano. Lembrar de acontecimentos vividos por Agrícola, sem os ter presenciado, seria uma forma de memória por tabela. Ao escrever sobre a vida de Agrícola, Tácito, que era genro dele, certamente deu ênfase para aquilo que julgou ser mais importante, tanto para construção política do personagem Agrícola, quanto para a construção da memória do mesmo. Como bem nos disse Pollak, “A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado.” Ela é estruturada de acordo com as preocupações políticas do momento.<sup>15</sup> Este caráter seletivo da memória estaria diretamente relacionado com aquilo que queremos que seja lembrado. Portanto, quando analisamos os textos de Tácito sobre Agrícola, devemos levar isto em consideração. E da mesma forma devemos fazer este tipo de consideração quando este escreve sobre acontecimentos políticos. De acordo com Marques:

O propósito da obra é narrar a vida virtuosa de Cneu Júlio Agrícola, seu sogro, cujo ápice da carreira foram as conquistas militares obtidas enquanto governador na Britânia. Boa parte do texto vai além dos elementos biográficos, narrando os acontecimentos da província, exercendo as tradicionais regras da retórica latina através de pares de discursos e caracterizando também os povos da região, sendo que neste último sentido a obra é uma referência crucial para os estudos sobre a Grã-Bretanha na Antiguidade.<sup>16</sup>

Como Marques bem observa, Tácito, em sua obra “Vida de Agrícola”, utiliza-se da retórica de forma a construir uma imagem política agradável e virtuosa de seu sogro. Fazendo assim uso político do passado. Neste caso há aquilo que Pollak chamou de “enquadramento de memória”<sup>17</sup>. Tácito enquadra a memória, fazendo as escolhas que são mais convenientes para ele e para o grupo político ao qual pertence. Este trabalho de enquadramento da memória pode ser percebido atualmente pelo cruzamento dos textos de Tácito com as informações dadas por

<sup>14</sup> POLLAK, 1992, p. 201.

<sup>15</sup> POLLAK, 1992, pp. 203-204.

<sup>16</sup> MARQUES, 2012, p. 91.

<sup>17</sup> Vale lembrar que Pollak se utiliza deste termo fazendo alusão ao seu uso na história contemporânea e na história do tempo presente. Aqui eu estou adaptando este termo para a Antiguidade, já que seu uso me parece adequado.

outros autores, mas também através da Arqueologia, que recentemente tem contribuído de maneira significativa devido aos seus avanços. De toda forma, devemos ter cuidado para que não façamos demasiado “juízo de valor” sobre o trabalho de Tácito.<sup>18</sup> Devemos entendê-lo como alguém, como uma voz que falava de um determinado contexto<sup>19</sup>, buscando através da retórica argumentar a favor daquilo que acreditava.

Retornando às discussões sobre as relações entre memória e identidade, segundo Pollak:

Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Se assimilamos aqui a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento, obviamente, é o Outro. Ninguém pode construir uma autoimagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção de identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com os outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo.

Se é possível o confronto entre a memória individual e a memória dos outros, isso nos mostra que a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos.<sup>20</sup>

Levando em consideração esta concepção de que a identidade, assim como a memória se estabelece a partir de um processo de negociação, **podemos também cogitar que há uma disputa pela memória daquilo que é “virtuoso” aos olhares romanos.** Consideremos para isso o cenário político romano, quase sempre conturbado pelas disputas políticas entre patrícios e plebeus, entre os defensores do Principado e os saudosistas da República, etc. Disputas políticas que também geravam reflexos na disputa pela memória destes grupos.

Neste sentido procuraremos entender, neste capítulo, como Tácito constrói isso que entendemos como uma representação dos Brigantes. Assim como ele se utiliza de sua “romanidade” para esta construção narrativa, que diz respeito ao que

<sup>18</sup> Muito embora, em certa medida, esta seja uma missão impossível. Assim como Tácito, todos estamos inseridos dentro de diferentes cosmovisões. Isso faz com que cada indivíduo, mesmo um historiador, enxergue o mundo de acordo com sua cosmovisão.

<sup>19</sup> O contexto da narrativa de Tácito já foi analisado no Capítulo 2 deste trabalho.

<sup>20</sup> POLLAK, 1992, pp. 204-205.

ele deseja e escolhe falar sobre os Brigantes, mas também diz respeito ao que é culturalmente “romano”.

## 4.2

### **Representações sobre os Brigantes: historiografia, memória e identidade**

Ao analisarmos a narrativa de Tácito sobre os Brigantes podemos perceber que a mesma se enquadra dentro do contexto de *Historia Magistra Vitae*.<sup>21</sup> Ao falar dos Brigantes e dos demais Bretões, Tácito tem seus objetivos e suas ambições enquanto escritor. Sobretudo objetivos didáticos/políticos. É óbvio que a história dos Brigantes e dos outros Bretões se cruza e se relaciona com a história dos Romanos. Do contrário Tácito não teria empreendido em seu trabalho nenhuma linha que fosse sobre este povo de uma terra tão distante de Roma. No entanto, mesmo que Tácito não tivesse por ambição direta escrever uma “história sobre Bretões” de maneira despretensiosa, ainda assim sua narrativa contribuiu para que uma representação destes chegasse até nós. Uma representação construída por Tácito que contribuiu para que novas representações fossem construídas na posteridade. Muito da identidade dos britânicos de hoje está baseada em ideias e representações que foram construídas inicialmente pelos escritores romanos. E ainda que o termo “celta” seja um termo um tanto quanto genérico, muitos britânicos, sobretudo irlandeses, galeses e escoceses se consideram como descendentes diretos destes povos relatados pelos escritores romanos. Mesmo que esta ligação esteja muito mais ligada à memória e identidade coletiva do que propriamente a alguma ligação de hereditariedade.

A historiografia de Tácito está diretamente relacionada com a construção de uma memória e esta última relacionada com a construção de uma identidade. O próprio termo “Brigantes” é utilizado atualmente de diferentes maneiras. Por exemplo, o “Wigan Warriors”<sup>22</sup>, clube de rúgbi da cidade de Wigan, que fica no Norte da Inglaterra, conta com uma torcida organizada que se autodenomina “The Brigantes”<sup>23</sup>. Provavelmente pelo fato de acreditarem ter alguma ligação, algum

---

<sup>21</sup> Como já visto no capítulo anterior.

<sup>22</sup> Disponível em: <<http://wiganwarriors.com/club/history1>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>23</sup> Disponível em: <<http://www.wiganwarriorsfans.com/wigan/?s=Viewtopic&o=744094>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

legado ancestral com os Brigantes históricos que dominaram boa parte do território da Britânia, que hoje corresponde ao Norte do território da Inglaterra. Um exemplo que pode ser comparado ao dos uruguaios que costumam fazer alusão à uma “garra charrua”<sup>24</sup>, quando falam de si próprios.

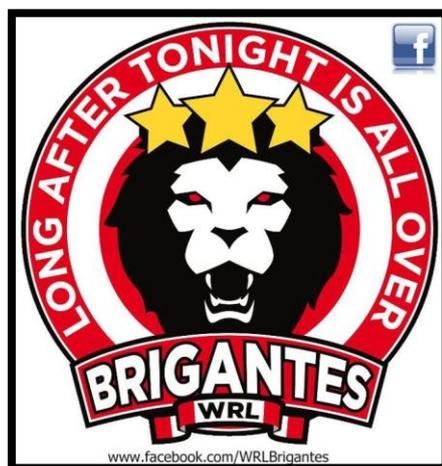


Figura 1 - The Brigantes WRL - Logo da página oficial da torcida no Facebook<sup>25</sup>



Figura 2 - Torcida The Brigantes WRL. Uma das faixas diz: "Cereja e branco está em nosso sangue. Antigo e leal até morrermos."<sup>26</sup>

<sup>24</sup> Os “Charruas” foram uma tribo indígena que habitava o que é definido atualmente como território uruguaio. Mesmo que tenham sido exterminados, quando da conquista espanhola, os “Charruas” permanecem na memória coletiva dos uruguaios.

<sup>25</sup> Disponível em:

<<https://www.facebook.com/WRLBrigantes/photos/a.273901702639827.85656.273901522639845/275584619138202/?type=1&theater>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>26</sup> Disponível em:

<<https://www.facebook.com/WRLBrigantes/photos/a.434865529876776.117455.273901522639845/434866729876656/?type=3&theater>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

É fácil de perceber como as representações sobre os Brigantes, assim como sobre os demais povos Bretões (ou “Celtas”) contribuíram para que estes estivessem no imaginário popular e na memória coletiva dos britânicos. Atualmente, podemos saber um pouco mais sobre os Bretões históricos através da Arqueologia. É possível cruzar informações arqueológicas com documentos escritos, por exemplo. No entanto, essa nem sempre foi uma possibilidade. Sendo os documentos escritos a principal fonte de informação e construtora de memória/identidade durante muito tempo.

Os escritos de Tácito certamente tiveram contribuição para essa questão. E ainda que algumas informações deixadas por ele possam ser consideradas historicamente duvidosas, elas ainda assim foram responsáveis, durante séculos, por colaborarem mesmo que indiretamente com a construção de uma memória coletiva. Se algum documento escrito dando detalhes sobre os Brigantes e sobre alguns de seus personagens históricos chegou até nós, isso se deu pela preservação de manuscritos/cópias da obra de Tácito. Foi ele quem trouxe estes Bretões para a literatura, construindo uma representação sobre os mesmos e sobre os episódios em que estes estiveram envolvidos. Levando em consideração que nenhum documento escrito pelos próprios Brigantes<sup>27</sup> chegou até nós, precisamos reconhecer que o que temos em nossas mãos são narrativas de um cidadão romano sobre os Brigantes. O que nos leva à uma relação direta entre o “eu” e o “outro”, onde aquele que narra e descreve o “outro” o faz baseado em pressupostos de sua própria cosmovisão e em elementos que a compõe. O que analisamos neste trabalho não é uma narrativa sobre os Brigantes por eles próprios, mas uma narrativa sobre os Brigantes por um romano. E este certamente é um ponto central que precisa ser considerado em qualquer análise séria. Partindo deste pressuposto, tratemos então analisar as passagens em que os Brigantes são “ditos” por Tácito.

### 4.3 Episódios e personagens Brigantes citados por Tácito

Ao tratar dos acontecimentos que envolvem diretamente os Brigantes, Tácito cita três nomes: Cartimandua (*Cartimandua*), Venúcio (*Venutius*) e Velocato

---

<sup>27</sup> Não existe evidência arqueológica de que os Brigantes tivessem desenvolvido uma escrita e uma literatura.

(*Vellocatum*). Mas quem seriam estes três personagens escolhidos para serem citados na obra de Tácito? Qual a importância de cada um deles e os objetivos do historiador em apresentá-los em sua obra? O quadro abaixo nos mostra onde cada um deles é citado.

Personagens Brigantes	Citações
Cartimandua ( <i>Cartimandua</i> )	*As Histórias 3:45 *Anais 12:36 *Anais 12:40
Venúcio ( <i>Venutius</i> )	*As Histórias 3:45 *Anais 12:40
Velocato ( <i>Vellocatum</i> )	*As Histórias 3:45

Quadro de personagens Brigantes e citações nas obras de Tácito

Havia três possibilidades de análise que se colocavam para este capítulo. A primeira seria uma análise sobre os Brigantes em cada um dos dois livros em que estes personagens citados aparecem. A segunda seria a de realizarmos uma análise a partir dos episódios em que os Brigantes acabam aparecendo no texto de Tácito. A terceira possibilidade, que acabou sendo contemplada, é a de análise livro por livro e no final um cruzamento das informações obtidas em cada um. Optamos pela terceira, pois entendemos que a análise poderá ser mais profunda na medida em que relacionamos os textos.

Desta maneira iremos analisar cada um dos personagens Brigantes dentro do contexto em cada um deles é apresentado. Buscando compreender a importância de cada um deles dentro deste contexto e qual a utilização deles pelo autor. Após uma leitura minuciosa da obra de Tácito, podemos dividir os episódios em que os Brigantes aparecem em “Anais” e “As Histórias” desta maneira: “Discórdias entre os Brigantes”, “Guerra Civil Brigante e seus Motivos”, “Adultério”, “Intervenção Romana”, “Clientela, fidelidade e infidelidade”.

Junto a isso buscaremos entender o tipo de mensagem que Tácito buscou transmitir. De acordo com Mellor:

Os historiadores romanos sempre consideravam o ensino moral como uma função central, talvez a função central, da escrita histórica. Eles viram todas as mudanças em termos morais, e viram importantes questões históricas como a causalidade como questões fundamentalmente morais. Assim, a história deve fazer mais do que

simplesmente contar histórias agradáveis do passado; deve passar julgamentos morais. Era o estudo do passado, das virtudes e vícios de seus antepassados, que os romanos deram sua concepção de moralidade pública.<sup>28</sup> (Tradução livre)<sup>29</sup>

Para Tácito, como para muitos outros romanos, o fundamento do sistema moral romano eram as nobres ações dos romanos do passado. [...] Os romanos estavam orgulhosos de seu passado ancestral, e lendas heróicas foram transmitidas oralmente por gerações antes que poetas e historiadores lhes dessem forma literária. As famílias individuais preservaram suas próprias realizações em discursos funerários, relatando as façanhas reais e imaginárias de séculos de antepassados. Para o jovem romano, o dever foi definido historicamente pelo importante termo *aemulatio*; ele deveria imitar as virtudes pessoais, cívicas e marciais de seus antepassados no lar da família, no fórum e no campo de batalha. Esses modelos de conduta privada e pública constituíram a base da educação moral e política em Roma.<sup>30</sup> (Tradução livre)<sup>31</sup>

Sabedores disso, trataremos então de analisar as passagens em que os Brigantes são retratados nas duas obras citadas. Buscando compreender como Tácito faz uso daquilo que ele entende como “virtuoso” e “não-virtuoso”.

#### 4.4 Os Brigantes representados por Tácito em “Anais”

Na obra “Anais” os Brigantes aparecem de forma direta em três passagens. A primeira diz respeito à supostas “discórdias entre os Brigantes” (*Brigantas discordiae*). Discórdias que teriam gerado uma represália por parte dos Romanos:

Com a derrota dos Icênios acomodaram-se os que hesitavam entre a guerra e a paz, e o exército foi conduzido contra os Cangos. Os campos foram talados e recolhida enorme presa, sem que o inimigo ousasse resistir, e, quando tentava assalto às tropas em movimento, era punida sua traição.

**Havia-se chegado já perto do mar fronteiro à ilha Hibernia, quando surgiram discórdias entre os Brigantes, o que fez retroceder o general, determinado a não empreender novas conquistas sem deixar bem asseguradas as primeiras. Os**

<sup>28</sup> MELLOR, 1994, p. 47.

<sup>29</sup> Citação original: Roman historians always regarded moral teaching as a central function, perhaps the central function, of historical writing. They saw all change in moral terms, and they saw important historical issues like causation as fundamentally moral questions. Thus history must do more than merely tell pleasant stories from the past; it must pass moral judgments. For it was from the study of the past, from the virtues and vices of their ancestors, that the Romans derived their conception of public morality.

<sup>30</sup> MELLOR, 1994, p. 51.

<sup>31</sup> Citação original: For Tacitus, as for many other Romans, the bedrock of the Roman moral system was the noble deeds of Romans of the past. [...] The Romans were proud of their ancestral past, and heroic legends were passed on orally for generations before poets and historians gave them literary form. Individual families preserved their own achievements in funeral speeches recounting the real and imagined exploits of centuries of forebears. For the young Roman, duty was defined historically by the important term *aemulatio*; he was to emulate the personal, civic, and martial virtues of his ancestors at the family hearth, in the forum, and on the battlefield. These models of private and public conduct formed the basis of moral and political education at Rome.

**Brigantes, porém, tendo sido mortos os que se puseram em armas e perdoados os mais, apaziguaram-se.**

Os Siluros nem pelo terror nem pela clemência podiam-se pacificar; e por isso foi crucial contê-los fixando ali um acampamento de legiões; e para que isto mais facilmente se pudesse executar, cuidou-se de estabelecer nas regiões tomadas uma colônia em Camaloduno, com forte contingente de veteranos, destinada a ser um apoio contra os rebeldes e um meio de acostumar os aliados à obediência às leis.<sup>32</sup> (Tradução)<sup>33</sup>

Nesta passagem percebemos que ele não apenas se refere aos Brigantes, mas também aos Icênios (*Iceni*), aos Cangos (*Decangos*) e aos Siluros (*Silures*). Os Icênios teriam sido derrotados pelo exército romano, os Siluros mostravam-se irredutíveis quanto a serem pacificados e os Cangos estavam no alvo dos Romanos, após os Icênios terem sido derrotados. Percebemos então que esta passagem acaba apresentado diferentes ações militares dos Romanos. Todas contra povos Bretões que tentavam de alguma maneira resistir contra os Romanos.

Era o período de governo de Públio Ostorio Escápula na Província da Britânia. Segundo governador da Britânia do período “júlio-claudiano”. De acordo com Tácito, Públio Ostorio teria achado a ordem da Província “perturbada”, já que os inimigos teriam invadido as terras dos aliados romanos. O que teria feito com que o general tivesse empreendido confrontos militares contra estes inimigos com o objetivo de pacificar a Província.<sup>34</sup> É interessante que o Capítulo 31 deste livro nos dá mais detalhes sobre esses confrontos que vemos no Capítulo 32. Segundo Tácito, os Icênios, povo que antes teria aderido a uma aliança com os Romanos (ele diz “nossa aliança”) de forma pacífica, naquele momento estaria incitando os demais povos contra os Romanos, ou seja, eram estes antigos aliados que agora estariam incentivando as demais nações a se rebelarem contra Roma. “Por instigação deles as nações vizinhas escolheram um lugar para o combate.” Entender este contexto é fundamental para que entendamos as rebeliões relatadas no Capítulo 32 de “Anais”, onde os Brigantes estão inseridos. Logo após a derrota dos Icênios,

<sup>32</sup> Anais 12:32.

<sup>33</sup> Citação original: *Ceterum clade Icenorum compositi qui bellum inter et pacem dubitabant, et ductus in Decangos exercitus. vastati agri, praedae passim actae, non ausis aciem hostibus, vel si ex occulto carpere agmen temptarent, punito dolo. iamque ventum haud procul mari, quod Hiberniam insulam aspectat, cum ortae apud Brigantas discordiae retraxere ducem, destinationis certum, ne nova moliretur nisi prioribus firmatis. et Brigantes quidem, paucis qui arma coeptabant interfectis, in reliquos data venia, resedere: Silurum gens non atrocitate, non clementia mutabatur, quin bellum exerceret castrisque legionum premenda foret. id quo promptius veniret, colonia Camulodunum valida veteranorum manu deducitur in agros captivos, subsidium adversus rebellis et imbuendis sociis ad officia legum.*

<sup>34</sup> Anais 12:31.

os Romanos derrotam também os Cangos. É aí que os Brigantes entram na narrativa destas rebeliões. “Havia-se chegado já perto do mar fronteiro à ilha Hibernia, quando surgiram discórdias entre os Brigantes, o que fez retroceder o general,”. Vemos aí que as tropas romanas de Públio Ostorio estavam avançando para o Sul, mas que com a “discórdia entre os Brigantes” tiveram que recuar para conter os conflitos. Como vimos anteriormente, os Brigantes eram tratados por Tácito como o povo “mais numeroso” da Britânia. Assim sendo, é natural que os Romanos tenham se preocupado com esta discórdia que surgia entre eles. O desfecho para esta rebelião foi relatado por Tácito como “tendo sido mortos os que se puseram em armas e perdoados os mais, apaziguaram-se”. Percebemos assim um ponto de bastante relevância. Nem todos os Brigantes haviam se posto em armas contra os Romanos, o que abre a possibilidade de que as lideranças Brigantes não estivessem todas na mesma sintonia. É bem possível que algumas apoiassem os Romanos e outras não. Ainda assim, ao final, a rebelião foi estancada pelo exército romano e os Brigantes foram novamente “apaziguados”.

Nesta situação, percebemos que Roma age como potência imperial e ordenadora.<sup>35</sup> Enquanto não houvesse paz nas diferentes regiões do Império, os Romanos sempre teriam um motivo para se preocupar. Afinal, só haveria uma verdadeira unidade imperial quando todas as Províncias estivessem pacificadas. Toda rebelião deveria ser estancada, com o objetivo de evitar que isso trouxesse maiores danos ao Império. Quando Tácito afirma que “foram mortos os que se puseram em armas” e que “os demais foram perdoados” isso também nos mostra um pouco mais da política militar romana. Todo aquele que se opusesse ao Império, ao avanço territorial de uma sociedade eminentemente romana e do poder romano seria tratado com a violência necessária. De acordo com Veyne, Cícero já havia deixado claro que a “injustiça do inimigo” sustentaria as ações romanas, ou uma “guerra justa”.<sup>36</sup> Os romanos justificavam suas ações militares como uma defesa das injustiças cometidas pelo inimigo. Neste caso era necessário reprimir os inimigos com o objetivo de ensinar-lhes algo. Nada deveria parar o avanço do Império e nem perturbar a unidade imperial. O texto nos revela que para os rebeldes estaria reservado o uso da espada e para os demais seria concedido o perdão. Um

---

<sup>35</sup> VEYNE, 1992, p. 292.

<sup>36</sup> VEYNE, 1992, p. 293.

ato de clemência, da *humanitas* romana. As ações romanas sendo justificadas pela atitude do “outro”.

Devemos notar que Tácito apresenta os êxitos militares romanos, mas ao mesmo tempo apresenta conceitos importantes desta relação entre os conquistados e os conquistadores. Um deles é o de “discordia” (*discordia*). A palavra *discordia* poderia se referir tanto à “discórdia” no sentido que utilizamos hoje, como também poderia ser uma referência à “desinteligência”. Em ambos os casos, o conceito se encaixa, pois percebemos a falta de uma “inteligência unificadora” entre os Brigantes. A *discordia* foi tomada pelos Romanos como um princípio de caos, que poderia ter tido consequências maiores caso não tivesse sido controlada logo. A “discórdia” era também o oposto da “concordia”. Na antiga religião romana, “Concordia” era uma divindade ligada à compreensão conjugal e à harmonia conjugal. Embora não tenhamos elementos suficientes para afirmar isso, é pelo menos importante apresentar a possibilidade de que a “discórdia” tenha também gerado uma preocupação religiosa entre os Romanos. E ainda que não religiosa, uma preocupação de ordem “moral”, visto que para os Romanos a *concordia* era uma virtude importante dentro do conjunto moral romano. Assim como a discórdia era vista como o oposto, ou seja, algo negativo e distanciado de uma virtude.

A outra passagem onde os Brigantes são citados de forma direta diz respeito ao episódio em que Carataco, líder da resistência bretã, teria sido entregue aos Romanos por Cartimandua, rainha dos Brigantes (*Cartimanduae reginae Brigantum*). Desta maneira, Tácito narra este episódio:

**Ele mesmo, como costuma acontecer que não há segurança na adversidade, tendo pedido refúgio a Cartimandua, rainha dos Brigantes, foi preso e entregue aos vencedores, no nono ano depois de começada a guerra na Britânia.** Sua fama tinha-se dilatado das ilhas para as províncias vizinhas e até na Itália era celebrada: todos desejavam ver aquele que por tantos anos contrastara nosso poder. Nem mesmo em Roma era desconhecido o nome de Carataco; e Cesar, querendo realçar sua própria glória, aumentou a do vencido. Foi convocado o povo para o insigne espetáculo: as coortes pretorianas em armas estacionaram no campo fronteiro ao acampamento: os clientes do rei, os capacetes, colares, tudo que se aprendera nas guerras externas foi trazido à vista: depois vieram os irmãos, a mulher e a filha do rei, e por último este. As súplicas de todos eram repassadas de medo, mas Carataco, não pedindo compaixão por seu porte nem por suas palavras, falou neste teor:<sup>37</sup> (Tradução)<sup>38</sup>

<sup>37</sup> Anais 12:36.

<sup>38</sup> Citação original: **Ipse, ut ferme intuta sunt adversa, cum fidem Cartimanduae reginae Brigantum petivisset, vinctus ac victoribus traditus est, nono post anno quam bellum in**

Carataco foi citado por Tácito como o primeiro entre os chefes bretões. Homem de grandes façanhas.<sup>39</sup> Líder que conseguiu reunir sob seu comando diferentes povos bretões, incluindo os Siluros. No entanto, mesmo com sua fama, não conseguiu superar militarmente os Romanos comandados por Ostório, tendo sido vencido em batalha campal.<sup>40</sup>

De acordo com Anais 12:36, após essa derrota militar, Carataco teria recorrido à Cartimandua, rainha dos Brigantes. O texto nos leva a entender que Carataco esperava ser recebido como aliado por Cartimandua. Provavelmente por residir nele a esperança de que a líder Brigante também não estivesse alinhada com os interesses do Império Romano. No entanto, Carataco recebeu de Cartimandua exatamente o contrário daquilo que esperava encontrar. Após seu pedido de proteção (*fidem*) acabou ele acorrentado e entregue aos vencedores (*vinctus ac victoribus traditus*).

Este episódio é tão emblemático, que acabou sendo eternizado em tela pelo pintor italiano, Francesco Bartolozzi, no Séc. XVIII. Na imagem<sup>41</sup> podemos ver Cartimandua entregando Carataco para Ostorios. Ainda que seja muito posterior ao fato narrado por Tácito, a pintura de Bartolozzi faz jus à narrativa do escritor romano. Não sabemos como o episódio foi recebido pelos demais Bretões, mas é fácil de supor que Cartimandua deve ter sido considerada como uma traidora por parte dos Bretões que repudiavam o imperialismo romano na ilha. Da mesma forma deve ter fortalecido sua imagem perante o poder romano. O capítulo 36 do livro 12 de Anais nos mostra que a fama de Carataco tinha avançado da Britânia para as demais Províncias, tendo chegado até Roma. Segundo Tácito, “todos desejavam ver aquele que por tantos anos contrastara nosso poder”. Cartimandua não entregou um chefe qualquer, mas uma espécie de celebridade. Alguém cuja a prisão representava

---

**Britannia coeptum.** unde fama eius evecta insulas et proximas provincias pervagata per Italiam quoque celebrabatur, avebantque visere, quis ille tot per annos opes nostras sprevisset. ne Romae quidem ignobile Carataci nomen erat; et Caesar dum suum decus extollit, addidit gloriam victo. vocatus quippe ut ad insigne spectaculum populus: stetero in armis praetoriae cohortes campo qui castra praeiacet. tunc incedentibus regiis clientulis phalerae torques quaeque bellis externis quaesiverat traducta, mox fratres et coniunx et filia, postremo ipse ostentatus. ceterorum preces degeneres fuere ex metu: at non Caratacus aut vultu demisso aut verbis misericordiam requirens, ubi tribunali adstitit, in hunc modum locutus est.

<sup>39</sup> Anais 12:33.

<sup>40</sup> Anais 12:34-35.

<sup>41</sup> Ver a Figura 3 deste capítulo.

um poder simbólico muito forte. A rainha dos Brigantes provavelmente sabia disso, o que deve ter contribuído para sua decisão de entregá-lo a Ostório.



Figura 3 - Carataco, entregue a Ostorius, o General Romano, por Cartimandua, Rainha dos Brigantes<sup>42 43</sup>

A terceira passagem onde os Brigantes são citados por Tácito pode ser dividida em dois episódios envolvendo as suas lideranças internas. Um deles tratando de um conflito interno e o outro tratando da intervenção militar por parte dos Romanos:

César, ao ter conhecimento da morte de Ostório, apressou-se em dar-lhe por substituto A. Dídio. Este, embora tivesse partido incontinentemente, não encontrou no mesmo estado a província, pois a legião comandada por Manlio Valente havia no intervalo padecido uma derrota. A fama deste revés fora exagerada com o fito de aterrorizar o novo governador, e este por seu lado a reforçava, para que a maior glória lhe adviesse da pacificação, ou, se continuasse a mesma agitação, fosse para ele boa escusa.

<sup>42</sup>De acordo com o British Museum, esta obra data de 1788. Disponível em: <[http://www.britishmuseum.org/research/collection\\_online/collection\\_object\\_details.aspx?objectId=3179575&partId=1&people=33023&peoA=33023-2-70&page=1](http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=3179575&partId=1&people=33023&peoA=33023-2-70&page=1)>. Acesso em: 24 fev 2018.

<sup>43</sup>“Caractacus, King of the Silures, deliver'd up to Ostorius, the Roman General, by Cartimandua, Queen of the Brigantes”. – Por Francesco Bartolozzi (Séc. XVIII).

Esta derrota nos foi infligida pelos Siluros, que se puseram a infestar o país até a chegada de Dídio. **Depois de aprisionado Carataco, o mais acreditado na ciência militar (entre os bárbaros)<sup>44</sup> era Venúcio, da nação dos Brigantes, ao qual já me referi, e que por muito tempo nos fora fiel, defendido até por nossas armas enquanto durou seu casamento com a rainha Cartimandua: depois, irrompido entre ambos o dissídio e logo a guerra, também contra nós abriu hostilidades. A princípio a luta se manteve entre eles, e Cartimandua conseguiu por seus ardis apoderar-se de um irmão e alguns parentes de Venúcio. Mas os inimigos se irritaram, considerando uma ignominia obedecer ao governo de uma mulher, pelo que invadiram o reino com tropas escolhidas e bem armadas. Do nosso lado se havia previsto esse movimento; e forças auxiliares enviadas em socorro travaram rude combate, em que os nossos tiveram vantagem, apesar de a princípio ter parecido duvidoso o êxito. Igual sucesso teve a legião comandada por Césio Nasica: porquanto Dídio, de já avançada idade e cumulado de honras, contentava-se com a direção geral da campanha e julgava bastante repelir o inimigo.**

Estes fatos, ocorridos no decurso de muitos anos, sob o comando de dois propretors<sup>45</sup>, Ostório e Dídio, eu aqui os reuni para que, divididos, não perdessem muito de seu valor histórico. Agora volto à ordem dos tempos.<sup>46</sup> (tradução)<sup>47</sup>

O episódio relatado acima aponta para duas situações: um conflito interno entre os Brigantes, onde Cartimandua e Venúcio entram em confronto; e o auxílio romano para uma das partes envolvidas.

Venúcio é apresentado como um homem dotado de uma grande perspicácia militar, “mais acreditado na ciência militar” depois de Carataco. É provável que isso causasse alguma admiração/temor entre os líderes militares Romanos. E como foi dito por Tácito, Venúcio esteve ao lado dos Romanos enquanto durou seu casamento com Cartimandua. Tácito revela que Venúcio fora fiel (*fidusque*) aos Romanos. Uma característica importante e que provavelmente fora ressaltada pelo

<sup>44</sup> “Entre os bárbaros” foi acréscimo do tradutor.

<sup>45</sup> *Pro praetoribus* (latim): Magistrado (em geral antigo pretor) delegado ao governo de uma província, na Roma Antiga..

<sup>46</sup> Anais 12:40.

<sup>47</sup> Citação original: At Caesar cognita morte legati, ne provincia sine rectore foret, A. Didium suffecit. is prope re vectus non tamen integras res invenit, adversa interim legionis pugna, cui Manlius Valens praeerat; auctaque et apud hostis eius rei fama, quo venientem duces exterrere, atque illo augente audita, ut maior laus compositis et, si duravissent, venia iustior tribueretur. Silures id quoque damnum intulerant lateque persultabant, donec ad cursu Didii pellerentur. **sed post captum Caratacum praecipuus scientia rei militaris Venutius, e Brigantum civitate, ut supra memoravi, fidusque diu et Romanis armis defensus, cum Cartimanduum reginam matrimonio teneret; mox orto discidio et statim bello etiam adversus nos hostilia induerat, sed primo tantum inter ipsos certabatur, callidisque Cartimandua artibus fratrem ac propinquos Venutii interceptit. inde accensi hostes, stimulante ignominia, ne feminae imperio subderentur, valida et lecta armis iuventus regnum eius invadunt. quod nobis praevium, et missae auxilio cohortes acre proelium fecere, cuius initio ambiguo finis laetior fuit. neque dispari eventu pugnatum a legione, cui Caesius Nasica praeerat; nam Didius senectute gravis et multa copia honorum per ministros agere et arcere hostem satis habebat.** haec, quamquam a duobus pro praetoribus pluris per annos gesta, coniunxi ne divisa haud perinde ad memoriam sui valerent: ad temporum ordinem redeo.

escritor pelo fato de a *fides* representar uma virtude para os Romanos. No entanto, o eu o texto nos diz é que Venúcio, anteriormente, fora fiel aos Romanos mas que naquele momento já não era mais. Desta forma, já não era mais visto como um aliado dos Império, mas como um inimigo. Sendo que, de acordo com Tácito, não apenas “abriu hostilidades” contra Cartimandua, mas também contra “nós”. Tácito faz diferenciação entre “nós” (os Romanos) e Cartimandua. Ainda que ela seja uma aliada destes, não é colocada no mesmo nível.

O texto mostra que em um primeiro momento Cartimandua conseguiu dominar a situação contra Venúcio, mas que depois teria sido obrigada pelas circunstâncias a ser salva pelos Romanos. De acordo com Tácito, os aliados de Venúcio teriam se recusado a se submeter a uma mulher. Algo destacado pelo escritor como o motivo da rebelião contra ela.

Percebemos a diferença no trato dos Romanos em relação aos Brigantes. Enquanto Venúcio fora tratado como um traidor e rebelde, Cartimandua fora tratada como aliada do Império. Como vimos anteriormente, ela já havia demonstrado sua fidelidade aos Romanos quando entregou Carataco. De acordo com Tácito, os Romanos saíram em defesa da Rainha dos Brigantes, enviando tropas auxiliares após perceberem que a mesma estava em apuros. “Do nosso lado se havia previsto esse movimento; e forças auxiliares enviadas em socorro travaram rude combate, em que os nossos tiveram vantagem, apesar de a princípio ter parecido duvidoso o êxito”, ele disse. A posição adotada pelos Romanos neste episódio revela que a resposta militar dada por eles estava de acordo com o que falamos anteriormente. Os inimigos do Império recebem a violência e os aliados do Império são tratados com a piedade. Neste caso, Cartimandua recebeu o tratamento que provavelmente teria sido dado a um súdito do Império Romano. Tendo sido algo custoso, visto que Tácito informa que em um primeiro momento o rude combate fez parecer duvidoso o êxito romano nesta batalha.

#### 4.5

#### **Os Brigantes representados por Tácito em “As Histórias”**

Ao iniciar sua obra “As Histórias”, Tácito nos apresenta algumas informações que devemos considerar como muito importantes para que façamos uma análise contextualizada das passagens que iremos analisar e que dizem respeito aos Brigantes. Após iniciar o primeiro capítulo falando sobre a importância da

eloquência, da liberdade, da crítica independente e explicando o recorte temporal da obra, Tácito nos apresenta os assuntos que irá abordar, dando-nos o quadro daquilo que ele define como importante:

**Empreendo a história de uma época fértil em desastres:** batalhas atrozes, sedições, crueldade até mesmo na paz. Quatro príncipes mortos sob o cutelo, três guerras civis, várias estrangeiras e muitas vezes umas e outras ao mesmo tempo; sucessos no Oriente, revezes no Ocidente; a Ilyria perturbada, a Gália vacilante; **a Britânia conquistada e logo abandonada;** sármatas e suevos sublevados contra nós. Os dácios ilustrados por nossos defeitos ou pelos seus e os partos prestes a correr às armas pela impostura de um falso Nero. A Itália afligida por males até então desconhecidos ou que voltavam depois de vários séculos; nos campos mais fecundos da Campania as cidades submergidas ou devastadas. Roma presa das chamas, templos antiquíssimos destruídos. O Capitólio incendiado pelos próprios cidadãos, a religião profanada, **adultérios escandalosos;** os mares cobertos de exilados, os rochedos manchados de sangue. Na cidade, violências ainda mais terríveis: a nobreza, os bens, as honras, a própria recusa destas, eram considerados como crimes e a morte assegurada a virtude; os delatores encorajados com recompensas tão abomináveis quanto o seu delito, partilhando entre si, como despojos, uns o sacerdócio e os consulados, outros o governo das províncias, o poder no interior, assaltando tudo; os escravos armados contra seus senhores, por ódio ou por temor; os libertos contra seus patrões e os que não tinham inimigos eram sacrificados pelos próprios amigos.<sup>48</sup> (Tradução)<sup>49</sup>

**Contudo, essa época não foi tão estéril em virtudes que não produzisse também ações generosas.** Mães acompanhavam os filhos na fuga, mulheres se exilavam com os maridos; houve pais corajosos, genros devotados, escravos de uma fidelidade inabalável, mesmo nos tormentos, cidadãos submetidos as maiores provações, suportando-as sem fraqueza. Mortes comparáveis as meras vicissitudes que assaltaram os homens, prodígios no céu e na terra, avisos pelo raio, presságios felizes, sinistros incertos, irrecusáveis. Nunca mais terríveis calamidades do povo romano, nunca mais

<sup>48</sup> As Histórias 1:2

<sup>49</sup> Citação original: Opus adgredior opimum casibus, atrox proeliis, discors seditionibus, ipsa etiam pace saevum. quattuor principes ferro interempti: trina bella civilia, plura externa ac plerumque permixta: prosperae in Oriente, adversae in Occidente res: turbatum Illyricum, Galliae nutantes, perdomita Britannia et statim omissa: coortae in nos Sarmatarum ac Sueborum gentes, nobilitatus cladibus mutuis Dacus, mota prope etiam Parthorum arma falsi Neronis ludibrio. iam vero Italia novis cladibus vel post longam saeculorum seriem repetitis adflicta. haustae aut obrutae urbes, fecundissima Campaniae ora; et urbs incendiis vastata, consumptis, antiquissimis delubris, ipso Capitolio civium manibus incenso. pollutae caerimoniae, magna adulteria: plenum exiliimare, infecti caedibus scopuli. atrocius in urbe saevitum: nobilitas, opes, omissi gestique honores pro crimine et ob virtutes certissimum exitium. nec minus praemia delatorum invisam quam scelera, cum alii sacerdotia et consulatus ut spolia adepti, procurationes alii et interiorem potentiam, agerent verterent cuncta odio et terrore. corrupti in dominos servi, in patronos liberti; et quibus deerat inimicus per amicos oppressi.

justos desígnios, provaram que os deuses não se preocupam com a felicidade do homem e sim com o cuidado de puni-lo.<sup>50</sup> (Tradução)<sup>51</sup>

Mas antes de entrar no assunto convém mostrar qual a situação de Roma, a disposição dos vários exércitos, a atitude das províncias, **o que havia de são e o que havia de corrompido no mundo inteiro**, para que se possa conhecer, não somente as peripécias e o desenrolar dos acontecimentos (que na maioria das vezes são o efeito do acaso) como o seu encadeamento e as suas causas.<sup>52</sup> (Tradução)<sup>53</sup>

Assim, percebemos que ele faz uma separação entre aquilo que considera como “virtuoso” e “não-virtuoso”. Uma época cheia de “desastres”, mas que também produziu “ações generosas”. Sabedores disso, tratemos então de analisar a passagem em que os Brigantes são citados em “As Histórias”.

Nesta obra, Tácito reserva um espaço menor aos Brigantes. No entanto, a narrativa traz detalhes sobre os quais o autor não trata em Anais. Antes de tudo, é importante lembrar que este livro foi escrito depois de “A Vida de Agrícola” e antes de “Anais”. Assim, entendemos esta como uma obra temporalmente intermediária. Optamos por apresentá-la por último pois entendemos que ela apresenta informações complementares importantes para nossa análise. Em As Histórias 3:45, Tácito nos diz:

Em meio de tantas dissensões e aos boatos repetidos de uma guerra civil, os bretões retomaram coragem, instigados por **Venúcio**, que à sua ferocidade natural e ao ódio pelo nome romano acrescentava fortes ressentimentos contra a rainha **Cartimandua**. Poderosa por sua nobreza, **Cartimandua** reinava sobre os **Brigantes** e fortaleceu o seu poder quando, entregando por traição o rei Carataco, foi considerada como o instrumento dos triunfos de Cláudio. Daí as suas riquezas e todas as desordens da prosperidade. Cansada de **Venúcio**, seu marido, partilhou com **Velocato**, escudeiro do príncipe, o seu leito e o império. Imediatamente a fortuna de **Cartimandua** ficou abalada por um tal crime. O marido tinha por si a afeição do povo e o amante, a paixão da rainha e a sua crueldade. **Venúcio**, ajudado pelos auxiliares e também pela deserção dos **Brigantes**, reduziu **Cartimandua** às últimas extremidades. Então, ela

<sup>50</sup> As Histórias 1:3.

<sup>51</sup> Citação original: Non tamen adeo virtutum sterile saeculum ut non et bona exempla prodiderit. comitatae profugos liberos matres, secutae maritos in exilia coniuges: propinqui audentes, constantes generi, contumax etiam adversus tormenta servorum fides; supremae clarorum virorum necessitates fortiter toleratae et laudatis antiquorum mortibus pares exitus. praeter multiplicis rerum humanarum casus caelo terraque prodigia et fulminum monitus et futurorum praesagia, laeta tristia, ambigua manifesta; nec enim umquam atrocioribus populi Romani cladibus magisve iustis indicibus adprobatum est non esse curae deis securitatem nostram, esse ultionem.

<sup>52</sup> As Histórias 1:4.

<sup>53</sup> Citação original: Ceterum antequam destinata componam, repetendum videtur qualis status urbis, quae mens exercituum, quis habitus provinciarum, quid in toto terrarum orbe validum, quid aegrum fuerit, ut non modo casus eventusque rerum, qui plerumque fortuiti sunt, sed ratio etiam causaeque noscantur.

pediu o socorro dos Romanos e depois de sucessos diversos, as coortes<sup>54</sup> e a nossa cavalaria livraram-na do perigo. **Venúcio** conservou a realeza e nós ficamos com a guerra.<sup>55</sup> (Tradução)<sup>56</sup>

Observamos que, neste episódio, Tácito trata de três personagens dos Brigantes que viveram no século I: Cartimandua, Venúcio e Velocato. Sendo que o único que é citado na obra de Tácito apenas uma vez é Velocato. Sobre este, o autor não nos deixou muitas informações. No entanto, sobre Cartimandua e Venúcio temos maiores informações que iremos analisar. Mas começemos pela análise deste trecho específico. Nele o autor apresenta um episódio no mínimo conturbado entre os Brigantes. Trata de um conflito que teria ocorrido entre a “realeza” Brigante, motivado pela traição da rainha Cartimandua, que teria trocado Venúcio por seu escudeiro, Velocato. Para facilitar a interpretação, vamos analisar esta passagem dividindo-a em partes.

Tácito inicia esta passagem apontando um possível descontentamento dos Bretões, que estariam em meio a dissensões e boatos de uma guerra civil e que sob influência/autoridade (*auctore*) de Venúcio teriam retomado a coragem. Algo que, pelo que veremos mais adiante neste texto, teria ocorrido após a prisão de Carataco. Prisão também retratada em Anais.

Vamos analisar o que Tácito fala sobre Venúcio. Segundo o autor, este seria tomado por uma “ferocidade natural”, teria “ódio pelos Romanos” e “ressentimentos” contra Cartimandua. Estas são condições que a princípio colocam Venúcio, líder Brigante e ex-marido de Cartimandua, como um personagem tomado por sentimentos de vingança. Tácito aponta Venúcio como alguém naturalmente feroz. A palavra *ferocia* também pode ser traduzida como “violência”, “altivez” ou “coragem”. Todos estes adjetivos, que podem ser utilizados para a tradução deste termo, de certa forma apontam para uma mesma direção. Provavelmente, Tácito via na imagem de Venúcio um líder com características de um guerreiro, uma figura

<sup>54</sup> *Cohortes* (latim): Eram subdivisões de uma legião romana.

<sup>55</sup> As Histórias 3:45.

<sup>56</sup> *Ea discordia et crebris belli civilis rumoribus Britanni sustulere animos auctore Venutio, qui super insitam ferociam et Romani nominis odium propriis in Cartimanduum reginam stimulis accendebatur. Cartimandua Brigantibus imperitabat, pollens nobilitate; et auxerat potentiam, postquam capto per dolum rege Carataco instruxisse triumphum Claudii Caesaris videbatur. inde opes et rerum secundarum luxus: spreto Venutio (is fuit maritus) armigerum eius Vellocatum in matrimonium regnumque accepit. concussa statim flagitio domus: pro marito studia civitatis, pro adultero libido reginae et saevitia. igitur Venutius accitis auxiliis, simul ipsorum Brigantum defectione in extremum discrimen Cartimanduum adduxit. tum petita a Romanis praesidia. et cohortes alaeque nostrae variis proeliis, exemere tamen periculo reginam; regnum Venutio, bellum nobis relictum.*

forte. Estes adjetivos estariam aliados ao “ódio ao nome Romano” (*Romani nominis odium*), ou seja, Tácito em sua construção narrativa caracterizava Venúcio como um inimigo. Como cidadão romano, o autor continua demarcando um território linguístico entre o “nós” (Romanos) e os “outros” (inimigos de Roma). Ele identifica Venúcio como um líder que tinha “ódio pelo nome Romano”, o que abre um leque de possibilidades de interpretação, e que entendemos aqui não apenas como um simples ódio ao “poder romano”, mas a tudo que fosse romano, como a cultura, por exemplo. Um ódio a tudo que o “nome Romano” pudesse representar. Algo plenamente justificável para um líder bretão que vinha acompanhando o processo de conquista da Britânia pelos Romanos. Acompanhado disso, o autor acrescenta ainda que Venúcio tinha uma animosidade estimulada por inflamado conflito de relacionamento com Cartimandua.

Tácito segue sua narrativa, mas desta vez apresentado informações sobre Cartimandua: “poderosa por sua nobreza”, “reinava sobre os Brigantes”, “traição” e “instrumento dos triunfos de Cláudio”. Ela governava sobre Brigantes, o que está de acordo com o que Tácito escreve sobre ela em “Anais”. No entanto, as demais informações nos trazem dados diferentes para esta análise.

A informação de que “Cartimandua reinava sobre os Brigantes” (*Cartimandua Brigantibus imperitabat*) não é uma informação nova dentro de nosso contexto de análise, mas é importante na medida que a entendemos como sendo reconhecida por Tácito como a detentora do governo. É o reconhecimento de um cidadão e estadista romano sobre a autoridade local. Ele ainda a destaca como “poderosa por sua nobreza” (*pollens nobilitate*). A palavra *nobilitate*, de *nobilitas*, confere a ela o status de “nobre”. Termo normalmente utilizado para se referir a pessoas advindas de famílias importantes em Roma, mas também para indivíduos excepcionais que conseguiram ascender em importância política. Ao afirmar que Cartimandua seria “poderosa por sua nobreza”, é certo que Tácito tenha se baseado em padrões romanos de importância. Apresentá-la assim aos seus leitores demonstrava o grau de importância que ela possuía. Pelo menos aos olhos do escritor.

Ainda sobre poder e autoridade de Cartimandua, Tácito escreve que “ela fortaleceu seu poder” (*auxerat potentiam*) no episódio em que traiu e entregou o rei Carataco. Ela teria capturado Carataco através de forma astuta, enganando-o (*capto per dolum rege Carataco*). Como já falamos sobre este episódio anteriormente,

acredito que não necessite de maiores considerações. No entanto, este registro feito por Tácito deixa claro que ela não apenas entregou Carataco ao poder romano, mas pôde se beneficiar deste episódio para fortalecer seu poder e possivelmente sua credibilidade junto ao Império. Tornando-se “instrumento dos triunfos de Cláudio” (*instruxisse triumphum Claudii Caesaris videbatur*).

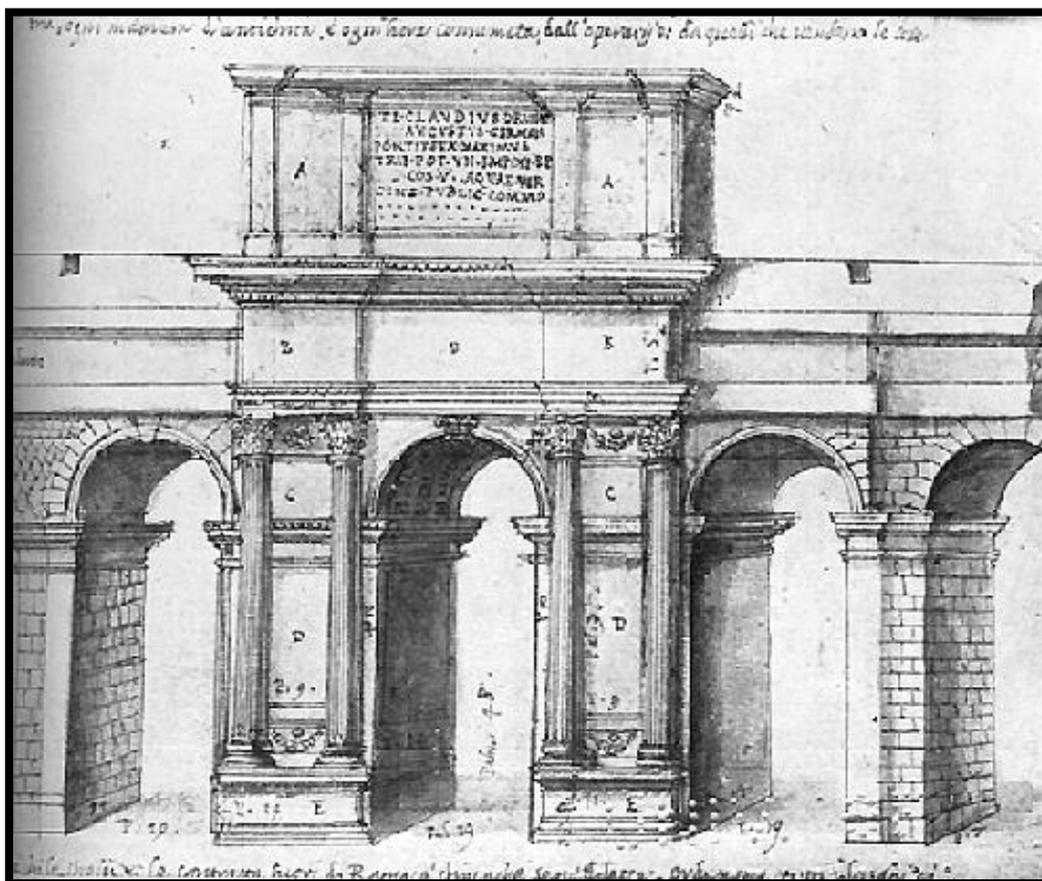


Figura 4 - Reconstituição do Arco de Cláudio – Por Pirro Ligório (1583)<sup>57</sup>

Essa informação trazida por Tácito nos leva a considerar a hipótese de que Cartimandua estivesse inclusa entre os reis bretões citados na inscrição presente no Arco de Cláudio<sup>58</sup>, ou que pelo menos sua posição em relação a Roma estivesse nos mesmos parâmetros. Embora apenas uma parte da inscrição tenha sido encontrada

<sup>57</sup> Disponível em:

<[http://penelope.uchicago.edu/~grout/encyclopaedia\\_romana/britannia/boudica/claudiusarch.htm](http://penelope.uchicago.edu/~grout/encyclopaedia_romana/britannia/boudica/claudiusarch.htm)>  
. Acesso em: 20 jul. 2018.

<sup>58</sup> O Arco de Cláudio foi construído como um arco da vitória em celebração a conquista romana da Britânia. Se referindo ao período do governo do Imperador Cláudio e aos seus feitos naquela Província.

preservada<sup>59</sup>, os mais recentes estudos apontam para esta composição da inscrição completa:

Do Senado e o Povo Romano a Tibério Cláudio César Augusto Germânico, filho de Druso, pontífice máximo, tribuno onze vezes, cônsul cinco vezes, *imperator* 22 vezes, censor, pai da pátria, por ter recebido a rendição de onze reis dos bretões derrotados sem nenhuma derrota e por colocar pela primeira vez bárbaros do outro lado do oceano sob o domínio do povo romano.<sup>60</sup>

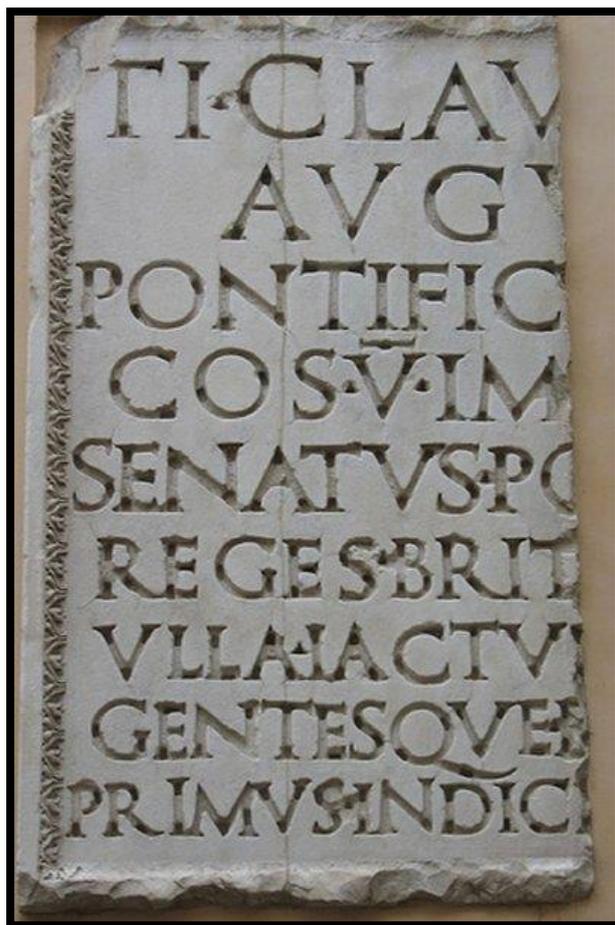


Figura 5 – Epígrafe presente no Arco de Cláudio<sup>61</sup>

<sup>59</sup> Ver Figura 5 deste capítulo.

<sup>60</sup> Original reconstituído: Ti(berio) Clau[dio Drusi f(ilio) Cae]sari / Augu[sto Germani]co / pontific[i maxim(o) trib(unicia) potes]tat(e) XI / co(n)s(uli) V im[p(eratori) XXII? cens(ori) patri pa]tria<e=I> / senatus po[pulusque] Ro[manus q]uod / reges Brit[annorum] XI d[iebus paucis sine] / ulla iactur[a devicerit et regna eorum] / gentesque b[arbaras trans Oceanum sitas] / primus in dici[onem populi Romani redegerit]

Disponível em:

<[http://db.edcs.eu/epigr/epi\\_einzel.php?s\\_sprache=en&p\\_belegstelle=CIL+06%2C+00920&r\\_sortierung=Belegstelle](http://db.edcs.eu/epigr/epi_einzel.php?s_sprache=en&p_belegstelle=CIL+06%2C+00920&r_sortierung=Belegstelle)>. Acesso em: 20 jul. 2018.

<sup>61</sup> Disponível em:

<[http://db.edcs.eu/epigr/bilder.php?bild=\\$D\\_00216.jpg;\\$D\\_00216\\_1.jpg;\\$D\\_00216\\_2.jpg;PH0004272;PH0000212;PH0002836;\\$CIL\\_06\\_00920.jpg;pp](http://db.edcs.eu/epigr/bilder.php?bild=$D_00216.jpg;$D_00216_1.jpg;$D_00216_2.jpg;PH0004272;PH0000212;PH0002836;$CIL_06_00920.jpg;pp)>. Acesso em: 20 jul. 2018.



Figura 6 - Moeda romana apresentando de um lado o Imperador e do outro lado o Arco de Cláudio<sup>62</sup>

Percebemos então um elemento político apresentado por Tácito nesta passagem. Algo que poderia justificar as ações militares romanas no que tange à defesa de Cartimandua. É provável que ela fosse uma rainha cliente dos Romanos. Segundo Veyne:

Como o povo romano é um povo-rei, as suas relações com os súbditos ou com os estrangeiros são um *patrocinium*; não são relações com parceiros iguais, segundo regras pessoais, mas relações formais, desiguais e informais: não se atribui uma norma a um rei, os súbditos devem entregar-se com confiança à sua boa-fé e à sua humanidade.<sup>63</sup>

Ao apresentar a Rainha dos Brigantes como “instrumento dos triunfos de Cláudio” (*instruxisse triumphum Claudii Caesaris videbatur*), podemos compreender que ela havia se submetido ao Império, sendo instrumento para o domínio romano na região. Cruzando com a informação da epígrafe do Arco de Cláudio, existe a possibilidade de que Cartimandua fosse um dos “reis bretões derrotados sem nenhuma derrota”, ou que pelo menos mantivesse uma relação com o Império dentro destes mesmos parâmetros. A frase é uma alusão ao fato destes reis terem aceitado o “domínio romano” na Britânia, sem que fosse necessária uma guerra contra eles. Tornando-se “reis clientes”, leais ao Império Romano e

<sup>62</sup> Disponível em:

<[http://www.britishmuseum.org/research/collection\\_online/collection\\_object\\_details.aspx?objectId=1216111&partId=1](http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=1216111&partId=1)>. Acesso em: 20 jul. 2018.

<sup>63</sup> VEYNE, 1992, p. 296.

cooperando para que este prosperasse na Província. O *patrocinium* normalmente estabelecia laços entre o poder romano e o líder de alguma comunidade/povo. Desta forma, quando um líder estrangeiro aderiu a este sistema, a sua comunidade acabava aderindo junto.<sup>64</sup> A adesão de uma líder como Cartimandua ao sistema de *patrocinium* se enquadra nesta perspectiva, colocando os Brigantes, ou pelo menos os súditos da rainha, como parte de uma rede de cooperação imperial.

Voltando para a análise do texto de Tácito, encontramos um elemento muito mais moral do que político. O escritor muda temporariamente a perspectiva de sua narrativa, mantendo seu foco em Cartimandua, mas desta vez em um episódio de sua vida pessoal. Após ter apresentado Cartimandua como nobre e aliada aos interesses romanos, o historiador romano expõe algumas das consequências deste poder ampliado. De acordo com Tácito, disto viriam “as riquezas e todas as desordens da prosperidade”, ou seja, Cartimandua foi retratada como uma líder que possuía riquezas (*opes*), possivelmente ampliadas com sua participação dentro da atuação imperial romana, mas que somado a isso teve como consequência “as desordens da prosperidade”, ou em uma tradução mais literal, “as coisas do luxo” (*rerum secundarum luxus*). Tácito expõe como consequência da “prosperidade” e do “luxo” um caso extraconjugal envolvendo os dois líderes Brigantes, Cartimandua e Venúcio, juntamente com o escudeiro deste último. Assim ele escreve: “Cansada de **Venúcio**, seu marido, partilhou com **Velocato**, escudeiro do príncipe, o seu leito e o império.” Podemos observar, de acordo com o que foi descrito neste trecho, que Tácito atribui a Cartimandua a iniciativa do adultério. “Cansada de Venúcio”, ou “desconsiderando Venúcio” (*spreto Venutio*), que era seu marido (*is fuit maritus*), ela compartilhou com Velocato, que era escudeiro de Venúcio, seu matrimônio (*matrimonium*) e seu reino (*regnumque*). De acordo com o texto, Venúcio foi desconsiderado, substituído por Velocato. Sendo que a narrativa diz que Cartimandua não apenas compartilhou seu “leito” com Velocato, mas também o seu reino. Algo que de acordo com a moralidade e com a lei romana era inaceitável, visto que o adultério era considerado crime.

De acordo com as leis romanas do Séc. I, o crime de adultério dependia da condição da mulher. Se esta fosse casada e traísse seu marido, ela e o amante seriam

---

<sup>64</sup> GRUEN, 1986, pp. 162-163.

considerados como adúlteros.<sup>65</sup> No entanto, os três envolvidos não estavam sob a lei romana. Visto que, até onde sabemos, não eram cidadãos do Império. Ainda assim, para o escritor romano, o ato de adultério tinha o mesmo peso moral. Como vimos anteriormente, para Tácito, o adultério não era visto como algo “virtuoso”. Ele desaprovava o que ele entendia como excessos e extravagâncias como, por exemplo, a glotonaria, a indolência e o adultério. Já tendo condenado este tipo de excessos entre a corte imperial. Algo que estaria se afastando dos valores tradicionais.<sup>66</sup> O fato de ter ocorrido entre “bárbaros” pode não ter trazido consequências jurídicas, mas desencadeou em outras situações.

Segundo Tácito, este ato trouxe consequências negativas para a rainha dos Brigantes: “Imediatamente a casa de **Cartimandua** ficou abalada por tal crime” (*concussa statim flagitio domus*), ou estremeceu (*concussa*) imediatamente (*statim*) por tal escândalo (*flagitio*). Tendo ficado para Venúcio a “afeição do povo” (*pro marito studia civitatis*) e para Velocato a “crueldade” (*saevitia*) e a “libido da rainha” (*libido reginae*).

Conforme Mellor, Tácito costumava ficar silente em relação a “imoralidades” privadas que não afetassem a vida pública<sup>67</sup>, mas como podemos observar, tal ato privado desencadeou em um conflito que não apenas dividiu a “casa real” Brigante, mas o povo. Aqui temos alguns detalhes: “**Venúcio**, ajudado pelos auxiliares e também pela deserção dos **Brigantes**, reduziu **Cartimandua** às últimas extremidades.”<sup>68</sup> Neste conflito entre os Brigantes, Venúcio teria recebido apoio dos auxiliares (*auxiliis*), que neste caso não fica claro se eram os auxiliares das tropas romanas ou se foi um termo utilizado por Tácito para se referir à integrantes de outros povos Bretões que estariam contra a autoridade romana e por consequência contra Cartimandua, aliada dos Romanos. Pesa o fato de Cartimandua ter entregue Carataco, provavelmente tendo sido vista a partir deste episódio como uma traidora. Somado isto ao ato de adultério, é possível deduzirmos que Cartimandua tenha ganhado antipatia de boa parte da população Brigante, que acabou desertando.

<sup>65</sup> De acordo com a Lacus Curtius. Disponível em:

<[http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/secondary/SMIGRA\\*/Adulterium.html](http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/secondary/SMIGRA*/Adulterium.html)>.

Acesso em: 20 jul. 2018.

<sup>66</sup> MELLOR, 1994, p. 52.

<sup>67</sup> MELLOR, 1994, p. 55.

<sup>68</sup> Citação original: igitur Venutius accitis auxiliis, simul ipsorum Brigantum defectione in extremum discrimen Cartimanduum adduxit.

A rainha dos Brigantes teria ficado enfraquecida, tendo então apelado por ajuda dos Romanos: “Então, ela pediu o socorro dos Romanos e depois de sucessos diversos, as coortes<sup>69</sup> e a nossa cavalaria livraram-na do perigo.”<sup>70</sup> Esta intervenção romana teria livrado Cartimandua do perigo existente, por conta dos êxitos obtidos no campo de batalha, onde atuaram as coortes e a cavalaria. Por fim, Tácito encerra esta passagem apresentando como desfecho da situação uma observação pessoal: “**Venúcio** conservou a realeza e nós ficamos com a guerra.” (*regnum Venutio, bellum nobis relictum.*) Um desfecho que visava demonstrar que Venúcio fora derrotado na batalha, mas que o mesmo manteve seu reino. De igual forma, os Romanos cumpriram sua missão. Obtiveram vitória em campo de batalha e salvaram Cartimandua de uma pior sorte.

#### 4.6 Considerações

Como já dissemos anteriormente, a escrita da história por Tácito se enquadra dentro do modelo de “mestra da vida”. Assim como Cícero, ele também entendia a história como uma maneira de passar uma lição, de ensinar algo. E para isso ele apresentava modelos “virtuosos” e “não-virtuosos”. Para Tácito importava apresentar fatos “notáveis”. Como ele mesmo escreve em um trecho de Anais:

Não levo o intento de relatar todas as propostas feitas no Senado, mas apenas as que se tornaram **notáveis** por decorosas ou vis, e isto penso ser o principal dever de quem escreve a história, para que não sejam esquecidas as virtudes e se desperte o medo da infâmia, do desprezo dos pósteros para os maus dítos e feitos.<sup>71</sup> (Tradução)<sup>72</sup>

Tácito, nesta passagem está se referindo a propostas feitas no Senado, mas deixa claro que o objetivo da história que ele empreende é o de escolher fatos “notáveis” por serem “decorosos” ou “vis”, para que que não sejam esquecidas as virtudes, mas também para se desperte o medo sobre as consequências de atos “não-virtuosos”.

<sup>69</sup> *Cohortes* (latim): Eram subdivisões de uma legião romana.

<sup>70</sup> Citação original: tum petita a Romanis praesidia. et cohortes alaeque nostrae variis proeliis, exemere tamen periculo reginam.

<sup>71</sup> Anais 3:65.

<sup>72</sup> Citação original: Exequi sententias haud institui nisi insignis per honestum aut notabili dedecore, quod praecipuum munus annalium reor ne virtutes sileantur utque pravis dictis factisque ex posteritate et infamia metus sit.

Após a análise das passagens sobre os Brigantes em “Anais” e “Histórias” percebemos que Tácito se utiliza destes episódios para apresentar alguns êxitos militares romanos na Britânia, mas também para fazer um julgamento daquilo que ele julga imoral, apresentando as consequências de tais atos. O episódio envolvendo o adultério de Cartimandua e Velocato e as discórdias entre os Brigantes são exemplos de episódios “não-virtuosos” presentes na narrativa de Tácito. Da mesma forma, ele se utiliza da fidelidade de Cartimandua ao Império para demonstrar a forma como os Romanos costumam tratar quem contribui para o seu Império.

Também percebemos que as questões referentes a identidade estão muito presentes nestas passagens construídas por Tácito. Ele sempre demarca território entre o “eles” e o “nós”. Se utilizando dessa divisão quando lhe é necessário. E estabelecendo um quadro narrativo que aponta para a construção de uma memória que acabou contribuindo para a perpetuação daquilo que o escritor entendia como importante, mas também para criação de novas identidades.